



**Universidade de Brasília**

Ministério da Educação  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares  
Centro de Formação Continuada de Professores  
Secretaria de Educação do Distrito Federal  
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação  
Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

## **INDISCIPLINA E VALORES MORAIS: UM DESAFIO PARA O COORDENADOR**

**Ivanilce Galvão Borges**

Orientadora Profa. Dra. Liliâne Campos Machado  
Tutor-orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

Brasília  
2015

**Ivanilce Galvão Borges**

**INDISCIPLINA E VALORES MORAIS: UM DESAFIO PARA O COORDENADOR**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Profa. Dra. Liliane Campos Machado e do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento.

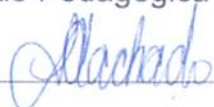
**Brasília**

**2015**

Ivanilce Galvão Borges

INDISCIPLINA E VALORES MORAIS: UM DESAFIO PARA O COORDENADOR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Liliâne Campos Machado - FE/UnB  
(Professora-orientadora)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – (UFPI/UnB)  
(Examinador interno)



Profa. Ma. Carla Tereza Pessoa da Rocha Dantas – (FE/UnB)  
(Examinadora externa)

Brasília, 19 de dezembro de 2015

Aos meus alunos, que foram a fonte da minha pesquisa; e a todos que se dispuseram a me auxiliar com o seu conhecimento, carinho e dedicação, especialmente ao meu marido, que, mesmo com a sua falta de paciência, nunca deixou de estar ao meu lado e ajudar.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado disposição para não desistir no meio do caminho.

Ao meu esposo, filhos e neta, pela compreensão dos meus momentos de ausência, em especial ao meu filho, Lucas, que, por várias vezes, se dispôs a transmitir o seu conhecimento de tecnologia da informação, para que eu conseguisse alcançar a conclusão deste trabalho.

Ao meu tutor-orientador, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, pela paciência, conhecimento, disposição e entusiasmo.

Aos meus pares, Fabiana, Adelena e Isana, pela parceria e pelos momentos de compartilhamento de conhecimento.

“Ensina-me o trabalho e a humildade, o devotamento e o perdão. Compadece-te de mim e orienta-me para o que seja bom e justo... Ajuda-me hoje para que amanhã eu não te faça chorar”.

Meime

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objeto o estudo da indisciplina e o seu reflexo no aprendizado escolar. O tema é pauta constante em toda área acadêmica, nas coletivas e coordenação, onde os profissionais envolvidos, coordenadores e professores, buscam formas de amenizar os conflitos que a tanto remonta o cotidiano dos alunos. As causas da indisciplina vêm sendo ligadas a postura familiar diante dos valores morais e afetivos que não foram formados na vida pregressa dos alunos. O despreparo da instituição escolar para conduzir esse grupo e a postura do docente na mediação do conhecimento a frente desse fator tão constante na sala de aula. Este estudo uma pesquisa de abordagem qualitativa, no qual foram utilizados como instrumentos de coleta de dados um questionário e a observação. Os participantes da pesquisa foram os alunos do terceiro ciclo do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). Como referencial teórico, foram utilizados, dentre outros, Piaget (1994), Durkheim (2008), Vasconcelos (1994) e Tiba (2006). Como resultado, foram encontrados, dentre outros fatores, que a quebra de conceito de valores, principalmente, o da afetividade é que levam esses alunos a terem atuações indesejadas nas salas de aula. Constatei, ainda, que a estima e o diálogo aproximam o professor do aluno e diminui as divergências em sala de aula. No entanto sem a parceria da família, parte fundamental deste contexto as questões morais ficaram difíceis de serem resolvidas, tornando as aulas cansativas, desgastantes, levando um tempo maior que alcançar o objetivo. A aprendizagem ficará sempre prejudicada quando uma das partes, família, escola e sociedade não cumprirem o seu papel.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Afetividade; Valores Morais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 EM BUSCA DE UM CONCEITO: INDISCIPLINA.....</b>	<b>11</b>
1.1 ÉTICA E DISCIPLINA.....	11
1.2 O PROFESSOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR DE CONDUTAS.....	15
1.3 A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO .....	18
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	20
2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	21
2.3 COLETA DE DADOS.....	22
<b>3 ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>



## INTRODUÇÃO

Após conviver por vários anos com alunos que apresentavam comportamentos inadequados no ambiente escolar, fazendo com que o aprendizado fosse comprometido pela perda de tempo em disciplinar, vejo a necessidade em pesquisar e descobrir o porquê de manifestar este problema com tanta frequência. Encontrar soluções e, através da afetividade do ser, bem como por intermédio dos valores, resolver os conflitos; de forma que se possa caminhar rumo à mudança nas ações dos alunos e melhorar o ensino-aprendizagem, através do seu autoconhecimento e motivá-los a agir no bem.

Na observação diária e nos dados coletados, compreendi que o grande desafio do professor é aproximar-se dos seus alunos e traçar vínculos afetivos com o intuito de resgatar os valores já tão fragmentados nos anos escolares e na sua vida familiar.

Desde pequenas as crianças são excluídas do seu mundo infantil e são obrigadas a crescerem sem o apoio do adulto, tão ocupados em seus afazeres ou com questões sociais que chegam ao ponto de transferirem suas responsabilidades a outras pessoas.

Segundo Durkheim (2008), esses alunos necessitam da geração adulta para educá-los, e quanto mais eficiente for esse processo, mais equilibrado será esse ser. Pois ele é produto da sociedade em que está inserido.

Assim sendo, a educação não é só responsabilidade da instituição escolar. E a obrigação de iniciar e concluir esses princípios quebrados, que geram a indisciplina nas salas de aula é de todos que estão ligados a essas crianças.

Baseado ainda nos relatos de Piaget (1994), que confirma o mecanismo do crescimento moral desses jovens em fase de crescimento e que uma vez quebrado, leva a uma descompensação em algum momento de sua vida.

Esse trabalho tem o objetivo de estudar a indisciplina e o seu reflexo no aprendizado escolar e, ainda, averiguar e compendiar essa distância entre o professor e o aluno, nos momentos de turbulência na sala de aula.

Para efeito de melhor organização, ele foi dividido em três capítulos: o primeiro trata sobre o conceito de indisciplina e suas causas, procurando relacionar questões éticas e valores morais, a insubordinação às regras de condutas dessas

crianças e a postura do professor coordenador diante a indisciplina na sua sala de aula. No segundo capítulo utilizou-se a metodologia qualitativa com a intenção de coletar dados e observar o comportamento dos discentes e a relação direta com as dificuldades na aprendizagem. Finalmente, o terceiro capítulo apresenta a análise de dados coletados na pesquisa de campo.

## 1 EM BUSCA DE UM CONCEITO: INDISCIPLINA

Os professores, em momentos de reflexões e procura, buscam encontrar o real motivo das questões indisciplinadas na sala de aula. Assim, entender o que é indisciplina é o primeiro passo para traçar o planejamento adequado que apresenta desvio de comportamento.

O termo indisciplina é passível de receber modificações e múltiplas interpretações, já que se trata de comportamento humano. Nessa direção, surgem alguns questionamentos: um aluno que está fora dos padrões esperados dentro da escola, é indisciplinado? Desrespeito e desinteresse as autoridades da escola é indisciplina? A esse respeito, Silvia (1986, p.17) diz:

A indisciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos, para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto é uma qualidade de relacionamento humano e o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.

Rebelar-se contra a autoridade do professor e formar ideias críticas e transformadoras não é indisciplina, é um reflexo com o discordar de certas ideias impostas. Como, então, saber diferenciar esses momentos? Isso tem sido um desafio para os educadores nas escolas.

Uma sala sem regras, onde há falta de limites, o desrespeito ao direito do outro torna o convívio do grupo insustentável. O professor precisa ter claro o que foi acordado com seus alunos e, sempre que possível, colocar esses argumentos em discussão, fazendo os reajustes de forma correta na hora de agir, partindo dos acordos firmados. Tiba (2002, p.120) retrata essa falta de clareza nos limites quando diz que "como a água corre morre abaixo e o fogo acima, o comportamento evasivo, a indisciplina, o desrespeito aos professores e a falta de ética cresce com a ausência de limites adequados".

A disciplina deve ser vista pelas crianças como algo natural, que se destina a formar hábitos sadios e que, sem ela, é impossível o crescimento e o desenvolvimento social, assim como que essas convenções são necessárias na formação do ser humano. Quando a criança se apropria das questões abertas, indisciplina e limites, disciplina e imposições, ela começa a entender qual a razão dos regulamentos tidos como adequados para uma boa convivência em sociedade.

Compreenderá, ainda, que a indisciplina a afasta da compreensão dos saberes, porque a desestabiliza e desconcentra a sua formação.

O professor, peça fundamental nessa ponte entre o saber e o aluno, deve ter claro que regras de conduta se constroem pela interação com o outro e sua realidade numa visão dialética – libertadora. Segundo Freire (1981, p. 79) “ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade.” O professor que tem clara essa postura procurará, então, por meio da afetividade e do diálogo, compreender onde, quando e por que a desordem se estabeleceu em sua sala de aula.

Percebo que as crianças parecem não ver sentido em estar naquele ambiente e muito menos em obedecer a regras, sempre querendo algo mais. Elas necessitam o tempo todo serem lembradas da polidez, do respeito às ideias do outro, o momento de esperar para falar e, acima de tudo, de que estão em um local destinado ao conhecimento. Os valores, aparentemente, são algo superficial ou inexistente em suas vidas.

Procuro entender onde se quebrou esse elo, já que há tantas crianças em formação e sem limites. O senso de justiça para algumas são de vantagens pessoais, de troca, de modo que só faz algo em benefício de algum proveito próprio.

A negação desse interesse pessoal e vantajoso declina em uma desordem emocional que leva muitos a não quererem participar das aulas, ficando dispersos, procurando algo mais interessante.

## 1.1 ÉTICA E DISCIPLINA

As crianças estão desmotivadas e parecem não entender o real papel das regras vividas no ambiente escolar, necessárias para conseguir uma boa qualidade na aprendizagem.

A insubordinação é a primeira reação que demonstra quando há algo que precisa ser mudado em determinado ambiente. A transgressão das questões éticas e morais nos remetem a uma reflexão do que realmente essas regras representam aos alunos.

Motta (1984, p. 17) define como ética “conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens, na sociedade em que

vive, garantindo, outrossim, o bem estar social". Desse modo, nossos alunos não sabem como devem agir no meio social em que estão inseridos, a escola; não aprenderam a teoria de como viver em sociedade.

A moral seria a parte prática dessas regras, costumes e normas que julgamos mais apropriadas para aquele grupo, ou melhor, como corretos ou errados e levantar a hipótese de que certas regras necessitam ser aplicadas ali para o bom andamento do aprendizado.

As crianças não conseguem entender o porquê, nem a utilidade dos regimentos existentes naquele lugar, pois não foram trabalhados previamente. Nesse sentido, Vásquez (1998) afirma que:

Sistemas de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas, entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não uma maneira mecânica, externa ou impessoal.

É necessário, então, fazer com que este ser humano se desenvolva moralmente e isso é essencial para o bom equilíbrio das aulas, da postura esperada para aquele ambiente. Quando os alunos entendem que existe uma relação de cooperação, amizade e entendimento entre eles e o adulto, o respeito às diferenças sobrepõem a indisciplina.

A criança, desde cedo, deveria ser levada a pensar nas questões de justiça, entender que algumas normas são feitas para o bom andamento das coisas e que, sem elas, não seria justo com outras crianças que querem estar, permanecer e aprender interagindo com o outro em harmonia. Essa interação foi bem descrita por Piaget (1994), o qual, depois de observar seus filhos e várias outras crianças, percebeu que essas não pensavam como os adultos e que estas habilidades morais ainda não estavam desenvolvidas, pois só seriam construídas a partir da interação do sujeito com diversos ambientes sociais em que estivessem inseridos e que é principalmente no convívio diário com o adulto que seus valores, normas, princípios morais, acontecem.

Contudo, ele afirma que, para isso acontecer, é necessário o equilíbrio entre dois fatores relevantes: a acomodação e a assimilação. A primeira consiste na tentativa do indivíduo em resolver uma determinada situação, partindo do

conhecimento que ele possui, naquele momento na sua vida, na atual realidade que o rodeia e consequentemente tendo que se adaptar ao novo. A segunda é modificar a estrutura mental antiga para dominar um novo objeto do conhecimento, transformando esquemas já existentes.

Piaget (1994) acreditava que esses valores morais que ocorrem por etapas de acordo com o estágio do desenvolvimento humano, eram divididos em três fases: a) anomia (crianças de até 5 anos): a moral não se coloca, as normas de conduta são determinadas por um adulto, a criança ainda não sabe ao certo distinguir o correto do errado, suas regras são seguidas pelo hábito; b) heteronomia (de 9 a 10 anos): moral é seguir as regras que não foram firmadas em um acordo e sim impostas, causando dependência, submissão, obediência aos valores e tradições por conformismo ou medo de ser reprovado pela sociedade e por Deus; e c) autonomia (a partir de 11 anos): feito por acordos, respeito as regras, ficando acordado entre as partes, sendo a última fase do desenvolvimento moral da criança.

Deve ficar claro, no entanto, para o educador, que os princípios morais e de valores são acordos feitos entre ele e o aluno e que o respeito a essas regras é uma construção diária.

As crianças descobrem, ao longo do seu desenvolvimento, que pessoas são diferentes e que não existe a obrigatoriedade de pensar igual, sendo que o respeito mútuo é o que faz o equilíbrio do grupo.

Piaget (1994), nas suas pesquisas, faz referência a esse educador que contribui ao desenvolvimento moral e autônomo quando cria um ambiente agradável, cooperativo, baseado em relações de respeito mútuo.

Pensando assim, reflito: qual o real papel da família nesse processo? A família é o primeiro grupo de vivência do ser humano, independentemente de sua vontade. Portanto, este é o espaço de formação inicial da moral e social de uma criança, de modo que a participação desta no ambiente escolar é fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Em décadas passadas, as famílias eram compostas por pais que vieram de um período de repressão, lutaram por liberdade de expressão política, sexual, religiosa, posicionamento de ideias diante de seus pais que até então eram autoritários e muitas vezes ditadores em seus lares, impondo seus ideais de vida.

Esses são os pais oriundos daquela época, confusos e permissivos, frutos de uma sociedade nada libertadora. Eles querem dar melhores condições de vida aos seus filhos e, por medo de correr o risco de repetir o que fizeram com eles, acabam não corrigindo no momento certo, deixando sempre para depois o que deveria ser feito logo; ou transmitem para outros a sua obrigação: educar seus filhos para a vida.

Questiono sempre se os excessos tecnológicos, as redes sociais, internet, televisão e babás eletrônicas não têm sido os formadores das regras éticas e morais dessas crianças.

Com tantos estímulos ao consumismo nessas redes, começam aí os famosos desejos de obter sempre mais dos filhos, sendo que não há limites nem parâmetros do permitido ou do necessário para o desejado, posto que eles querem sempre mais. Os pais, ocupados em obter renda para custear os desejos dessas crianças, não percebem que estão sendo manipulados e quase nunca dizem “não”, o qual é tão importante quanto o “sim”, uma vez que limita certas atitudes impensadas e imaturas, leva à reflexão e ao amadurecimento do ser humano. A esse respeito, Tiba (2002, p. 53) diz que “o sim só tem valor para quem conhece o não”.

Algumas crianças, quando contrariadas e repreendidas por uma má conduta na escola, muitas vezes confrontam o adulto, argumentando que vão comunicar aos pais o ocorrido, como se a oposição às suas transgressões e desejos sem limites pelo professor fossem uma maldade feita a elas. Não aprendeu e, por isso, não consegue entender, nem analisar o real motivo de estarem sendo levadas a repensar suas atitudes com responsabilidade no ato cometido, afinal, não aprenderam a ouvir “não”, nem entende que, no mundo, precisamos lidar com nossas frustrações, levando em conta os direitos dos outros e os nossos deveres, e que tudo tem que ser balanceado para não sermos injustos.

Toda criança tem direito a uma família, como está previsto no artigo 19, da Lei 8.069/90 e na Constituição da República Federativa do Brasil e dos Direitos Fundamentais (1988):

Toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente em família substituta, assegurado a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de entorpecentes.

Conforme citei, na Constituição já é prevista a guarda dessa criança no seio da família, portanto, ela deveria ser o que existe de mais importante na construção e formação na vida desta.

A indisciplina deve ser vista com cuidado pelos pais, pois a educação é de responsabilidade de ambos e educar é ajudar esse ser em transformação contínua a adquirir e desenvolver valores, como obediência, generosidade, polidez, justiça, amizade, lealdade, dentre outras.

Quando isso não acontece, a parceria escola e família fica trincada, prejudicada. Quando o elo desta corrente quebrada é encontrado e reparado, a disciplina tende a ser reestabelecida e o aprendizado fluirá melhor na sala de aula.

## 1.2 O PROFESSOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR DE CONDUTAS

A escola é composta pelos alunos, professores, gestores e funcionários de diversas áreas. A quem cabe a disciplina? A todos seria a resposta. Porém, a maior transformação está nas mãos do educador.

Qual é a real função desse professor? Emissor de informações? Mediador? Sim, aquele que está no meio, intermediando, buscando o equilíbrio, fazendo com que os conhecimentos tenham sentido para quem transmite e para quem recebe, fazendo dessa interação um processo de crescimento participativo dentro e fora da escola.

Como lidar, então, com a frustração de não poder ser esse profissional mediante a tanta bagunça e falta de interesse do aluno, quando está na sala de aula?

Temos, inicialmente, que entender que o problema é de todos os envolvidos com essa criança: família, escola, professor e o próprio aluno. Onde está o rompimento com esses valores? De acordo com Vasconcellos (1997, p. 241), devemos entender “de imediato, eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato eu posso mudar a maneira de relacionar com as pessoas”.

O resgate dos valores é de responsabilidade de quem trava com essa criança o elo de afetividade. Primeiramente, a família, como já foi dito anteriormente; depois, o educador que o recebeu na sua sala e os vários componentes da escola.



Hoje, vemos a falência da autoridade dos pais em casa e dos professores em sua sala de aula. O mediador deve estar aberto a ouvir dos alunos o que os faz tão dispersos e desinteressados. Seria o despreparo dos pais em se colocar como modelos de condutas? É sua forma de ministrar os conteúdos tornando-os sem atrativo e desestimulando-os à participação ativa? Como fazer para entender? Não vejo outra forma que a não ser do diálogo e da afetividade.

O professor que consegue ter um vínculo afetivo com seus alunos deve colocar-se na posição de mediador e não de impositor. Não ter medo, nem se sentir intimidado pelo sistema que o rege, muito menos por esse aluno.

O relacionamento baseado no respeito e na afetividade torna-se mais produtivo e tende a facilitar a travessia desta ponte entre o saber comum e o conhecimento científico que o profissional tem que mediar. Assim, os conflitos que vão aparecendo ficam mais fáceis de ser conduzidos.

O diálogo é a porta de entrada. Com ele, encontramos as soluções cabíveis de serem executadas pelos dois lados. No entanto, para que isso aconteça, o docente deve ter claro seu posicionamento, se fundamentar com argumentos baseados na lei e na reciprocidade. O aluno tem que perceber a hierarquia existente na escola, porém, que ele também tem seu espaço de argumentação e pode demonstrar seu descontentamento sem baderna, com respeito e responsabilidade.

O aluno perceberá, dessa forma, que será ouvido na medida em que se colocar na posição de ouvinte. Contudo, a clareza do diálogo tem que apontar a diferença entre afinidade e a função do seu professor na sua sala de aula. É ele quem define objetivos, direciona as ações pedagógicas para que o processo de ensino-aprendizagem seja atingido senão por todos, mas para a grande maioria dos que estão ali.

O mediador que conversa e ouve certamente conseguirá tirar desses momentos as inseguranças, insatisfações, o real motivo do desinteresse e falta de limites ali apresentados. Buscará, na desordem, a origem da falta de motivação, aproveitando do momento do caos para confrontar e encontrar a forma correta de manter a ordem e possibilitar o aprendizado.

O professor também deverá ficar atento a sua postura em sala de aula. Aquele que adentra no espaço da sua sala desmotivado sem planejar as atividades que serão desenvolvidas partindo sempre do contexto existente em livros didáticos,

abolindo as novas visões existentes na realidade do mundo contemporâneo e se apegando as suas velhas teorias, com toda certeza, terá problemas com a não disciplina.

Sua atitude autoritária, baseado numa postura de cansaço e desmotivado pelos inúmeros obstáculos encontrados na educação, aliados à falta de envolvimento, o faz simplesmente cumprir com os conteúdos programáticos, gerando um espaço conturbado e sem proveito, de forma que os rendimentos dos estudantes logo ficarão comprometidos.

A indisciplina, para Aquino (1988, p. 8),

[...] parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter a clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao professor.

É necessário adequar a metodologia e os recursos para que haja a comunicação e transformar o monótono e sem graça em momentos de reflexão e atitude de curiosidade, aguçando o desejo de encontrar o resposta do que se almeja saber. A motivação é imprescindível para as ações fluírem e o indivíduo tenha bons resultados.

O professor sofre muito para acompanhar as mudanças tão rapidamente que acontecem no mundo e exerce seu novo papel de articulador de novas ideias e valores em uma sociedade tão consumista e voltada para as tecnologias.

Educar é difícil, trabalhoso e exige dedicação, desprendimento e, acima de tudo, amor. Educar é propiciar ao aluno conhecer a si mesmo e aos outros e, nessa troca, formar sempre uma nova experiência.

O professor deve ser um desafiador do senso comum e para isto os valores devem estar ao seu lado, fazendo parte da sua retórica e você se colocar como autoridade, mas ao mesmo tempo um aliado.

O modo de agir do professor mais que suas características de personalidade é que colaborara com a postura adequada para manter uma boa atuação e disciplina em suas aulas.

### 1.3 A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

O ambiente escolar é um local propício à bagunça, à desordem e aos conflitos de ideias. Ali, existem muitas cabeças que pensam diferente, oriundas de vários níveis sociais e culturais, reunidos em um número grande de alunos em um mesmo espaço.

Com esses fatores no ambiente, o professor deve ficar atento a este ser social que, ávido por oportunidades de destaque e projeção, além do desafio de ter o seu espaço reservado, nem sempre usa as melhores armas nesta luta. Assim, o educador deve saber que os seus alunos é que são diferentes, cada um com sua peculiaridade, interesses, aptidões e, acima de tudo, todos têm uma história familiar que ainda não foi descortinada por ele.

A transmissão e perda de valores e princípios, que a própria sociedade deixa de ressaltar, acabam contribuindo para o afastamento entre o professor e o aluno.

A postura do profissional na escola tem de refletir tacitamente no comportamento de quem convive com ele por tantas horas. É preciso o exemplo, a dinâmica, aproveitando que é na infância que começa o desenvolvimento da personalidade desse ser, posto que, conforme Durkheim (2008, p. 230)

A vida escolar consiste em um momento decisivo, único, insubstituível, no qual podemos formar a criança, dado que nessa fase de sua vida a sociedade ainda não alterou profundamente sua natureza, ainda não despertou nela sentimentos que a tornam parcialmente refratária à sua vida em comum. Estamos diante de um terreno virgem, sobre o qual podemos semear germes que, uma vez que criam raiz, tenderão a se desenvolver por sua conta própria.

De acordo com o autor, esse é o momento de semear os princípios éticos e os valores morais que aí serão trabalhados, experimentados e vivenciados pelo professor e seus alunos. As crianças começam a aprender neste momento aquilo que pouco ou nunca foram ensinados a praticar.

A inclusão e a equidade dessa nova geração, associada a um educador que cumpre o seu papel, de preparar junto com todos os funcionários da escola esse aluno, para o exercício da cidadania, decerto poderá ser uma alternativa de trazer o equilíbrio, a paz, a esse ambiente. Crianças não nascem indisciplinadas,

corrompidas nem muito menos com estímulos a toda prova, ela aprenderam erradamente a serem assim.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como finalidade conhecer, de verdade, o motivo que levaram os alunos de uma escola pública de Brasília a quebrarem as regras de comportamento e não respeitarem os valores éticos e morais em uma turma do 3º ano de alfabetização, impedindo que o professor consiga desenvolver o seu planejamento diário e prejudicando o desenvolvimento da aprendizagem dos demais colegas.

Existem dois tipos de pesquisas que geralmente são utilizados no meio acadêmico: o quantitativo, que usa números e percentuais; e o qualitativo; que procura observar a dinâmica entre o mundo real e o sujeito.

Optei, neste estudo, por utilizar a pesquisa qualitativa, com a intenção de coletar dados e observar número suficiente de caso de enfrentamentos entre alunos e seus professores e, ainda, encontrar uma saída para a indisciplina já instalada na sala de aula.

### 2.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa serão os alunos de uma turma composta por vinte e três discentes, com idade entre oito e dez anos. Existem três crianças que são repetentes, oito crianças que ainda estão no processo de alfabetização, quatro crianças com necessidades especiais com laudo de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), Transtorno Desafiador Opositor (TDO) e Transtorno do Processo Auditivo (TPA), além de uma criança com deficiência física.

Trata-se de uma turma muito agitada, necessitando, continuamente, de tempo para se equilibrar e ter interesse nas aulas, pois estão sempre desconcentrando e ficando entretidos com outras coisas.

Quando são chamados a atenção, se calam, mas logo, em um curto prazo de tempo, novamente começam a conversar.

Observo que, ao proporcionar as essas crianças aulas mais dinâmicas, logo vira bagunça. Elas não conseguem realizar um trabalho em grupo respeitando as regras de boa conduta.

Esses comportamentos refletiram na realização das atividades do dia a dia e, ao avaliar o bimestre, percebi que o aprendizado havia sido prejudicado pelo excesso de conversa e pela indisciplina.

## 2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os recursos empregados com a finalidade de levantar hipóteses, coletar dados e obter alguns resultados foram a observação do comportamento e a discussão sobre o filme *Nanny McPhee, a babá encantada*, que retrata os efeitos da mudança de conduta de um grupo de crianças indisciplinadas e sem limites, diante das regras ensinadas a eles por essa babá. Toda mudança que ocorria no modo de agir das crianças alterava positivamente o ambiente em que moravam e melhorava o convívio entre os familiares.

Após discussão sobre o filme, os alunos responderam a um questionário voltado para as questões éticas e morais e fizeram uma avaliação do seu comportamento em sala de aula.

De acordo com Gil (2008, p. 131):

Pode-se definir como questionário a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas as pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimento, crenças, sentimentos, valores, comportamento e etc.

Os registros desses dados tornaram possíveis as investigações das situações de conflitos e indisciplina na sala de aula. Dessa forma, o questionário, o filme, a observação e o diálogo oportunizaram o resultado obtido na análise do que ocorria com os alunos. Formamos grupos de debates para incentivá-los a expor o porquê da falta de interesse e comportamento inadequado na escola. Foram feitas anotações e comparados resultados na fala dos envolvidos, tais como “*As aulas são chatas*”, “*Não entendo nada com a bagunça, então eu brinco também*”, “*Queria brincar mais em casa, mas não posso. Então brinco na escola*”, “*Tá todo mundo conversando, fazendo barulho, não consigo prestar atenção*”.

## 2.3 COLETA DE DADOS

Nesta etapa da pesquisa, a professora pesquisadora aplicou técnicas que permitiram a obtenção de informações necessárias à comprovação do que pressupus encontrar como resposta para o fenômeno da indisciplina instalada em sala de aula.

Utilizei, primeiramente, um filme, a fim de despertar a discussão sobre falta de condutas. Em seguida, observei a repercussão causada e fiz anotações sobre a mudança ocorrida a partir daí.

Alguns dias depois, apliquei o questionário. De acordo com Gil (2008 apud NUMA et al 2011), ele é um instrumento de coleta de informação utilizado em uma sondagem ou inquérito.

O questionário, disponível no Apêndice A, foi aberto (com questões subjetivas) e constituído pelas cinco perguntas abaixo:

1. O que você entende por disciplina?
2. Como é o seu comportamento em sala de aula?
3. O que mais te chateia nas aulas assistidas?
4. O que é ser justo?
5. Como você acha que deve ser a aula ministrada pelo seu professor?

Com a observação tive a oportunidade de averiguar as relações alunos x alunos e aluno x professor, com o intuito de identificar os pontos relevantes passíveis de mudança e, a partir de então, nortear as alterações cabíveis. Conforme Oliveira (2005), a observação é a base da investigação científica, permitindo o registro dos fenômenos da realidade para se planejarem e sistematizarem os dados que coletados.

O registro foi feito em um livro diário que facilitou perceber, em algumas aulas, o reflexo do diálogo e as pequenas transformações em atitudes egocêntricas e conflitantes.

### 3 ANALISE DOS DADOS

A pesquisa foi feita na turma em que atuo como docente em uma escola pública. Vi a necessidade de entender os conflitos, ansiedades em falar sempre ao mesmo tempo e a falta de limites recorrentes dos educandos na sala de aula.

O grupo era composto por vinte e três alunos, sendo que desse grupo, quinze são do gênero masculino e oito do feminino, em uma turma do terceiro ciclo do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). Responderam ao questionário apenas vinte alunos, três não conseguiram entender por limitações na leitura e escrita.

Constatei que, normalmente, em uma sala com maior número de meninos, a agitação é mais elevada em relação às turmas que têm distribuição equivalente.

Foi verificado que muitos alunos não tinham se apropriado da questão do que, para que e por que estudar e estar na escola. Para eles, era uma punição estar naquele lugar que não servia para nada, além de perder o tempo em que gostariam de estar se divertindo fora ou com suas famílias. Nessa direção, Sampaio (1997, p. 7) afirma que:

Para que a disciplina não brote quase que por geração espontânea, é útil que o professor tenha bem presente os aspectos relacionais com seus alunos. Se o professor continuar valorizar apenas a sua função de instrução (transmitir conhecimentos), é mais provável que os conflitos disciplinares apareçam.

Sempre tive um bom relacionamento com a turma, no entanto, partindo daí, reavaliei minha prática pedagógica, começando a dialogar mais, ouvir as queixas, explicando os "porquês" que surgiam, mediando e orientando quando necessário as dúvidas e confrontando a realidade vivida com o desejado para uma boa convivência, dando mais importância ao momento da conversa livre e espontânea, incentivando a polidez, a justiça e a responsabilidade.

Os momentos de interação informais deveriam acontecer sempre no final das aulas de sexta-feira com o intuito de analisarmos as situações ocorridas durante a semana, para repensarmos as atitudes tidas por todos, o que melhorou e o que precisava ainda ser modificado, inclusive abrindo espaço para ouvir as críticas dos alunos sobre as aulas ministradas por mim. Todas essas etapas foram devidamente registradas para, posteriormente, confrontar os avanços alcançados.



A primeira pergunta analisada foi sobre o que eles entendiam sobre disciplina. Dezesete responderam basicamente a mesma coisa: “Ser comportado, educado, que não responde e não xinga”.

Detectei que noção de disciplina e indisciplina eles tinham, só não aprenderam a maneira correta de portar-se em momentos onde a atenção e concentração eram essenciais para a condução da aprendizagem.

As outras seis crianças pareceram não compreender a pergunta e responderam: “Desobedecer, comportar mal”. O oposto ao esperado. Observei que o motivo que os levaram ao não entendimento é que não sabiam ler corretamente e consequentemente não conseguiam interpretar as perguntas. Ao ler as respostas da segunda pergunta: “como é o seu comportamento em sala de aula”, percebi que os discentes foram verdadeiros nas suas respostas, sinceros, demonstrando que a falta de conduta é visível para eles, já que compreendem que essa não é a maneira adequada para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Oito dos alunos mais indisciplinados responderam: “Eu não fico quieto e nem paro sentado” ou “eu brinco, converso e bagunço”.

Questionei, ao ler esses apontamentos, o porquê dessas atitudes, se sabiam que era incorreto para o bom andamento do conhecimento. Nenhum soube responder. Deram respostas evasivas: “Porque fulano mexe comigo” e “não sei” foi a maior incidência das respostas.

Com essas respostas, percebi que quando as atitudes diante da vida sempre foram soltas e sem significado, como ser diferente em outros contextos, principalmente naqueles em que não viam prazer em fazer o exigido pela professora? A criança externa a sua vivência até então ali adquirida, não encontrando motivos para mudar, já que não percebe que com os excessos de rebeldia ela é a maior prejudicada.

Segundo Tiba (2002, p 132):

Construir uma casa é muito mais fácil do que reformar-la. Reformar, no caso de um filho, seria o mesmo que sempre dizer “não” para algo que ele já fez muitas vezes. Melhor ensinar aos poucos. Quando quer fazer alguma coisa, a criança observa a reação dos pais; se ouve um “não”, insiste. Quer testar se o que dizem é mesmo para valer – até incorporar a regra. Leva algum tempo, mas ela aprende. Então aquele critério de valor passa a fazer parte dela.

Quando a criança não aprende sobre limites em casa e não reconhece a autoridade do professor em sala, para eles o respeito às regras não tem fundamento, não sabem o motivo de ter que ouvir, calar, participar de forma efetiva e que contribua na sua formação e de seus pares.

Sobre as aulas que eram ministradas pela professora, responderam: “do jeito que está, tá bom”, “deveria ser todo mundo calado e não andando pela sala”, “a aula deveria ser calma e silenciosa”, “as aulas deveriam ser só de artes e recreação”.

Novamente, vejo que as crianças não veem sentido em aprender e estar no ambiente escolar, mesmo constatando que ali deveria ser um local estruturado para a aquisição do saber.

Questionei-me o que seria a base do desinteresse. Questão cultural foi uma das respostas. De que a escola pública é um lugar sem valor, onde se pode fazer e acontecer a qualquer hora, afinal ali não é um local onde o aluno se sente inserido, alguém que possa converter ideias ou até mesmo os seus ideais em algo importante para o grupo que está estabelecido. É chato estudar coisas que fogem da realidade. O professor precisa encontrar meios que o aproxime dessas crianças e a afetividade foi o valor preponderante à frente da mudança dessa turma.

Diante deste fato, acredito que esse problema é reflexo da falta de valores e que a família, sociedade e a escola precisam fazer esse resgate sem demora. Reconstruir o que foi quebrado ou ensinar o que nunca foi vivenciado por essas crianças.

A afetividade foi um fator relevante neste momento. Os educandos quando tem um vínculo com o seu professor e se sente amparado por ele, já apresentam mudanças no seu procedimento. Conversam, brincam e por vezes ficam desatentos, contudo ao notar pela fisionomia do docente a sua insatisfação nas suas atitudes, já agem com mais cautela, repensando seus atos, mesmo que este momento dure pouco.

À medida que não há clareza para os educandos sobre os princípios básicos de boa convivência e a importância desse comportamento para o seu desenvolvimento global, a indisciplina se instala e causa graves danos à vida futura desses cidadãos e terá consequências nocivas para o meio em que vivem, quem sabe até tornando-se sujeitos desequilibrados e sem escrúpulos.

A criança deve entender, desde cedo, que as questões morais estão entrelaçadas à sociedade e que transcende a nossa vontade. É dever de todos procurarem a verdade equilibrada para o bom andamento da organização social. O papel da moral, segundo Durkheim (2008), "é fazer com que os homens vivam juntos em harmonia".

Em relação aos alunos com algum diagnóstico médico, no caso desta turma, quatro deles tinham, dentre um total de 23 alunos. O desafio foi conquista-los e fazê-los produzir dentro do esperado para a síndrome.

A aproximação e a descoberta do sentimento de simpatia e carinho pelo próximo partiram do autoconhecimento das suas limitações em suportar brincadeiras, palavras com duplo sentidos e aceitar sem achar que era provocação.

Estimular o bom convívio de todos, proporcionando oportunidade de crescimento ao grupo, passou a ser o grande desafio.

Os atos ditos como desviantes em relação às normas já sancionadas por nós, para alguns deles não tinham o mesmo significado. Sendo assim, agiam por reflexo e depois pensavam no ato praticado.

Dois desses alunos com hiperatividade e desordem de atenção pareciam estar sempre em ações ininterruptas, agitados, conversando e/ou cantando baixinho.

Conviver com eles em uma sala estruturada já é difícil, sobretudo em um ambiente com problemas de disciplina. É viver em conflito de alternância constante, pois a agitação dos dois era suficiente para alterar toda a rotina daqueles que com eles conviviam.

Esses alunos estavam sempre envolvidos em algum caso de bagunça, não realizavam suas atividades por completo, passando de uma tarefa para a outra sem terminá-las; além das dificuldades em prestar atenção aos comandos e consequentemente em aprender.

Outro fator que agravava o burburinho dentro da sala de aula era quando um terceiro aluno com hiperatividade e Transtorno Opositor Desafiador (TOD) se sentia ofendido ou mal interpretado, tornando-se agressivo e o enfrentamento era uma reação imediata.

O aluno mencionado passou a ouvir-me no momento em que estabelecemos uma relação de confiança. Eu ouvia primeiro o porquê da reação, tentando ser imparcial e justa, firme nas nossas negociações, estimulando sempre o seu

autocontrole e incluindo-o nas decisões que deveriam ser tomadas quando as regras eram quebradas. Delegava a ele, em alguns momentos, o poder de decidir sobre as suas ações.

Passamos a estabelecer contratos de comportamento, que, via de regra, foram quebrados. Contudo, a criança já tinha o discernimento de estar agindo intempestivamente.

Ensinar um aluno especial é uma arte, na qual destreza tem que vir carregada de paciência e controle. Torna-lo diferente, visto que o seu desvio de conduta muitas vezes foge do seu domínio, requer orientação, dedicação e preparo do professor.

O educador deve pensar que ele não atende uma síndrome, uma sigla, um transtorno, mas um aluno.

O primeiro passo foi conhecer esses educandos e participar das suas angústias, ouvindo-os antes de impor uma repreensão. O trabalho, neste momento, deve ser feito no coletivo, com tutoria para todos, abordando o companheirismo, o perdão, a tolerância e a compreensão do grupo. Todos cresceram neste sentido, e a afetividade, juntamente com o respeito aos colegas, foi se instalando aos poucos.

Na sala inclusiva, devem ser trabalhados, primeiramente pelo professor e pelo coordenador, esses momentos de acolhimento ao outro, garantido que os direitos de todos sejam preservados.

Parte desse grupo aqui mencionado foi o que não conseguiu entender o questionário e respondê-lo. Para eles, não havia clareza de que a indisciplina precisava ser controlada e direcionada para um novo campo a fim de que houvesse a compreensão dos fatos.

O diálogo e a observação dos pontos negativos foram fundamentais na aproximação e no intercâmbio com esses alunos. A afeição lhes trouxe segurança em ser menos desordeiros.

A mudança de postura da professora, ao abordar esses alunos, estreitou seu laço de amizade e entendimento, passando, então, a um relacionamento afetivo e duradouro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo, por meio desta pesquisa, que as questões estudadas neste âmbito levam a crer que não existe somente um motivo para a indisciplina. A ausência de valores e falta de afetividade na vida dos alunos são fatores relevantes; fazem com que eles não saibam agir conforme o esperado dentro do ambiente familiar, escolar e social.

Crianças indisciplinadas comportam-se assim por não terem recebido, em algum momento de suas vidas, orientações adequadas sobre normas de conduta e questões morais. Só agimos e temos conforme recebemos e transmutamos e o que nos tornamos é resultado da experiência com o outro.

Com o passar dos dias, observando os alunos sobre outra perspectiva e trabalhando a afetividade, mostrando que para ser amado também temos que abrir mão do nosso egoísmo e despreparo e amar o outro no sentido amplo do ser. E que uma maneira de ver o amor é ensinar a criança os seus direitos e seus deveres suas possibilidades. Nem sempre podemos e devemos fazer tudo que queremos na vida.

Quando não é construído com esses alunos o senso de justiça, confiança e honestidade, dentre outras inúmeras questões morais que são necessárias ao bom andamento em qualquer situação da vida, é impossível exigir mudanças no comportamento.

Às vezes, o desafio é enxergar além da desorganização, com o coração aberto e, para isso, temos que exigir um esforço maior de amar e de dizer não sempre que preciso.

Ao falar do desafio de educar, Tiba (2002, p. 131), afirma que “educar não é deixar a criança fazer só o que quer (buscar saciedade). Isso dá mais trabalho do que simplesmente cuidar porque equivale inculcar na criança critérios de valor”.

Esta é a percepção que falta ao educador: descobrir e dar início à mudança necessária, perceber que essa alternância leva tempo, por meio de uma postura firme, sem autoritarismo.

As crianças gostam de brincar, correr e descobrir sem a obrigatoriedade de obedecer as regras. É algo natural que tem que ser conduzido por alguém por meio de exemplos, incentivando atitudes compatíveis com o ambiente em que elas estão inseridas.

Constato, com esta pesquisa, que o ser humano precisa de princípios e valores que o auxiliem a fazer suas escolhas éticas, que gerem tranquilidade e respeito aos seus direitos e aos dos outros. O aluno deve aprender que ele também é mecanismo de crescimento para o colega.

Os valores não devem escravizar as pessoas, devem educá-las a viverem em sociedade. Desse modo, entendo que o professor sozinho não fará muito pela mudança dessas crianças indisciplinadas, pois é necessária a contribuição da família e da sociedade, todos realizando o seu papel, interferindo, auxiliando e exercitando no bom proceder.

O desenvolvimento, quando não passa pelas etapas necessárias para a sua evolução, gera conflito, ansiedade e indisciplina, que irão refletir, primeiramente, na escola e, conseqüentemente, no meio social em que vive.

Essas crianças estão abertas à afetividade e demonstram o tempo todo querer que alguém lhes imponha limites e os conduzam até que possam seguir sozinhas rumo a suas conquistas.

O maior problema constatado na pesquisa para ir de encontro à afetividade dessas crianças foram os adultos. Pais que ignoram a ternura, a admiração que os filhos têm por eles, professores que acham que a proximidade pode alterar o significado de respeito. Os alunos precisam de limites, mas de atenção e dedicação também. Valores incorretos atribuídos como verdadeiros os afastam da afetuosidade pelo seu semelhante. Crianças aprendem vivendo com outras pessoas, trocando boas experiências.

Não existe nada melhor do que estar diante de alguém que o admira pelos conhecimentos que você conseguiu fazer brotar, perceber o seu olhar de agradecimento e particularmente de respeito pelo papel que você representa.

Essa pesquisa só veio confirmar que com dedicação, persistência, firmeza de caráter e muita paciência o coordenador e o professor podem conseguir implantar mudanças na sala de aula. Desde que, encontre apoio dos colegas, dos gestores e principalmente dos pais, em mostrar uma nova concepção do proceder, não só nas aulas mais na vida social para essas crianças.

Teríamos que reorganizar a sociedade como um todo, mudar os parâmetros de como conquistar o seu espaço num mundo contemporâneo. O objetivo não será

sempre alcançado, mesmo com toda técnica e boa vontade se não houver o envolvimento das partes envolvidas, mas não devemos deixar de tentar.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **O que é indisciplina?** Disponível em: <  
[http://www2.escolainterativa.com.br/canais/20\\_encontros\\_tem/encontros/material/2013\\_CelsoAntunes.pdf](http://www2.escolainterativa.com.br/canais/20_encontros_tem/encontros/material/2013_CelsoAntunes.pdf)>. Acesso em: 12 setembro 2015.
- AQUINO, J. R. G. **A indisciplina e a Escola atual**. Rev. Fac. Educação, vol. 24 n. 2, jul.- dez/1998, p. 181-204. São Paulo IS e I.
- \_\_\_\_\_. A desordem na relação professor – aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.
- BARROSO, J. Ordem disciplinar e organização pedagógica. In: CORREIA, J. A.; MATOS, M.(Orgs.). **Violência e violências da e na escola**. Porto: Afrontamento: CIIIE, 2003.
- DURKHEIM, É. **A educação moral**. Petrópolis. Vozes, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Método de técnica de pesquisa social**. 6ª Ed. Editora Atlas S.A. São Paulo – Brasil, 2008.
- MOTTA, N. S. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: âmbito cultural, 1994.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertação e teses**. Ed. Campos. Rio de Janeiro. 3ª ed, 2005.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Rio de Janeiro (original publicado em 1932). São Paulo: Summus, 1994.
- PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R. O papel do coordenador pedagógico. **Revista educação**. (on line). set. 2011. Disponível em: <  
<http://revistaeducacao.com.br/textos/142/artigo234539-1.asp>>. Acesso em: 25 outubro 2015.
- PLACCO, V. M. N. S; SOUZA, V. L. T.; ALMEIDA, L. R. O coordenador pedagógico: aportes à proposição de políticas públicas. **Cadernos de pesquisa**. (on line). v. 42, nº147, p. 754-771. set./ dez. 2012. Disponível em  
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n147/06.pdf>. Acesso em: 25 outubro 2015.
- REGO, T. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. R. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.
- TAFNER, >. **A construção do desenvolvimento segundo Piaget**.  
<http://www.cerebromente.org.br/n08/mente/construtivismo/construtivismo.htm>



TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VASCONCELLOS, C. S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. In: Ideias (nº 28) São Paulo: FDE, 1997.

VASQUEZ, A. S. **Ética**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

<b>QUESTIONÁRIO</b>	
<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
<b>1. O que você entende por disciplina?</b>	
<b>2. Como é o seu comportamento em sala de aula?</b>	
<b>3. O que mais te chateia nas aulas assistidas?</b>	
<b>4. O que é ser justo?</b>	
<b>5. Como você acha que deve ser a aula ministrada pelo seu professor?</b>	